

O DESGASTE DO EXÉRCITO PERANTE A OPINIÃO PÚBLICA

Ten-Cel OCTAVIO PEREIRA DA COSTA
Oficial de EM

Refêrem os jornais que o autor do recente atentado contra a vida do Comandante do II Exército teria declarado que decidira matar um general como um protesto contra a ordem social vigente no país, pois considera o Exército o principal culpado de todos os nossos erros e males.

Ainda mais recentemente, os estudantes de Recife deram à sua tradicional passeata de calouros o tema central de ataque ao Exército e às mais altas autoridades militares. Protestando contra a proibição a essas críticas e apoiando seus colegas pernambucanos, a direção da União Nacional dos Estudantes divulgou nota oficial, em que alude à ação repressiva do IV Exército, como "intervenção descarada de forças desqualificadas e reacionárias".

Estes dois fatos de extraordinária repercussão e de palpitante atualidade bastariam, por si sós, para caracterizar um estado de suma gravidade e para motivar uma pesquisa em profundidade, que defina com precisão o atual conceito do Exército na opinião pública, visando diagnosticar e remediar as causas de um possível desgasté.

No entanto, parece-nos ainda muito mais grave a situação, já que, diàriamente, encontramos nos inúmeros órgãos da imprensa do país, especialmente nos do Estado da Guanabara, os mais variados e candentes ataques a oficiais do Exército, aos militares em geral a até mesmo à própria instituição, parecendo ser um dos temas prediletos de boa parte dos nossos jornalistas.

Já não se trata, apenas, da exploração do gravame que as Fôrças Armadas representam para a nação, ou a costumeira investida sôbre a presença de militares na administração civil ou na vida política; tudo agora serve de pretexto para atacar e denegrir o Exército.

Perdeu-se totalmente a cerimônia e ultrapassou-se o limite do bom senso e da prudência, imiscuindo-se os leigos em problemas especificamente militares e levando-se ao debate público assuntos ultra-secretos, de extrema gravidade.

Quem ainda tivesse ilusões sôbre a atual situação da Fôrça Terrestre face à opinião pública nacional, certamente as desvaneceu na grave crise político-militar que se seguiu à renúncia do Sr. Jânio Quadros.

Naquela oportunidade, o Exército suportou o pêso maior da impressionante reação da opinião pública, em nome da unidade das Fôrças Armadas, que, para muitos dos seus eminentes Chefes, pareceu ser o valor mais alto a preservar, pôsto que indispensável à manutenção da paz da família brasileira.

Ninguém, nem mesmo a posteridade, poderá julgar do acêrto ou desacêrto da decisão, sem incorrer no perigo de ser injusto ou parcial, mas

é incontestável que essa discutível avaliação de prioridades acarretou enorme sacrifício para o Exército, acelerando acentuadamente o processo de desgaste que vem experimentando diante da opinião pública nacional.

Fazendo estas considerações não nos arrogamos o papel de árbitros, nem de donos da verdade, nem o dessas Cassandras que vêem em tudo o pessimismo e a desesperança.

Desejamos apenas encarar a situação com realismo e contribuir, com as nossas meditações, para o debate do problema que, no momento, nos parece da mais alta importância, a fim de que o Exército, perfeitamente identificado com o povo brasileiro, possa bem cumprir as suas missões constitucionais.

A que devemos a inegável animosidade e hostilidade da maioria da imprensa contra os militares e, particularmente, contra o Exército? Como se explicam os ataques sistemáticos a alguns dos mais altos Chefes do Exército? E as acusações de reacionarismo, de impatriotismo, de ineficiência e de cupidez? E a torpe exploração de casos policiais de cunho eminentemente privado? E a provocação da luta de classes, sob o pretexto de vantagens salariais, quando, na realidade, nos encontramos em vexatória situação de inferioridade? E a deturpação diária dos fatos, mesmo os de meridiana verdade, feita por jornalistas irresponsáveis ou até por articulistas da mais alta responsabilidade? E a mentira, o engodo, a má fé, a calúnia e a injúria? Será tudo isso uma imensa e diabólica conspiração comunista, visando à desagregação do Brasil, pela desmoralização e destruição da maior força de sua segurança? Ou será apenas um sinal dos tempos? Ou uma afirmação da índole do nosso povo? Ou, ainda, um indício de ineficiência no cumprimento de nossa missão?

É mister encarar a realidade, definir as causas e deter o processo do nosso desgaste, em nome da própria sobrevivência nacional.

Somos Exército de um povo que ama imensamente a liberdade, que abomina a ostentação e o formalismo, que repele o arbítrio e a força, que segue mais os impulsos de seu coração do que os ditames de sua razão, emotivo e impressionável, extremado na euforia ou no desânimo, inculto mas notavelmente arguto, generoso e bom, mas com terrível tendência e predileção para a crítica, a irreverência, a zombaria e a maledicência.

Somos Exército de um povo rústico, simples e resignado, capaz dos maiores sacrifícios, mas infenso aos sacrifícios inúteis ou pouco objetivos.

Somos Exército de um povo que odeia os preconceitos e os privilégios, que ama a Deus e sua Pátria, mas que preza, sobretudo, a sua maneira de ser e de viver absolutamente autênticas.

Este é o povo que formará as nossas fileiras e os nossos quadros em qualquer eventualidade e de cujo apoio tanto necessitaremos para cumprir nossas missões.

Com essa compreensão, não aceitamos a idéia de que todo o nosso desgaste perante a opinião pública seja obra de comunistas que, minando

as resistências do Exército, estariam preparando o advento de uma nova ordem social.

Certamente existe quem, combatendo por essa causa, seja invariavelmente contra nós, na imprensa falada e escrita, na cátedra, no Parlamento, ou mesmo nos tribunais. Esses são de fácil identificação.

Existem ainda os que agem em função de velhos complexos pessoais, ou de pruridos liberticidas e civilistas.

Há, finalmente, a grande massa das incompreensões e dos mal-entendidos, que resultam da falta de conhecimento, de entendimento e de esclarecimento.

O fato é que, ressaltados os casos extremos de comprovada má fé, não podemos a priori negar o patriotismo e a elevação de propósitos aos que nos atacam.

Resta-nos olhar para nós mesmos e, num exame profundo, verificar em que estamos errados e, antes que seja muito tarde, buscar a total recuperação.

Que temos feito em relação à opinião pública do país? Teremos procurado estudá-la e esclarecê-la, no rumo das nossas finalidades?

Evidentemente, não.

É certo que inúmeras de nossas organizações dispõem de órgãos de Relações Públicas. Mas que são eles? Eu me permito responder com sinceridade que a maioria são órgãos destinados a preservar o Chefe dos incômodos das audiências públicas, com o avultado número de pedintes, de impertinentes e de desequilibrados mentais. Funcionam à maneira de postos de triagem. Não pesquisam, não estudam, não esclarecem, não orientam o seu público, ou, simplesmente, não fazem Relações Públicas, no sentido mais amplo da aceção.

É mister criar com urgência um Serviço de Relações Públicas do Exército, capacitado a dar à instituição uma mentalidade de Relações Públicas.

Não bastará copiar organizações similares estrangeiras e adaptá-las ao nosso caso. Nada mais falso, contraproducente e criminoso, pois o nosso povo é totalmente diverso do americano, do francês, ou do inglês.

Urge dar vida a um Serviço de Relações Públicas que tenha força para falar em nome do Exército perante o povo e seja capaz de orientar convenientemente a nossa própria instrução.

Para bem exemplificar a falta que nos faz um bom Serviço de Relações Públicas, citaremos alguns casos expressivos sucedidos ultimamente.

Meses atrás, uma jovem assassinou, em Copacabana, o homem que tentara seduzi-la. Tratava-se de Oficial do Exército, reformado há mais de doze anos e dirigente de empresa civil, da qual a assassina era funcionária. Pois bem, a maioria dos jornais publicou velhas fotografias do Oficial fardado, encimadas por manchetes do tipo "Matou o Major sedutor!"

Contrastando com tal procedimento, nesse mesmo dia, à noite, uma emissora de televisão, fez um programa sobre o "Cérebro Eletrônico", da Pontifícia Universidade Católica, onde foram entrevistados os principais responsáveis pela montagem e funcionamento daquele notável equi-

pamento e não foi feita a menor referência à condição de Oficiais do Exército a alguns professores que lá estavam e que honram o nosso Quadro Técnico na cátedra da PUC.

Noutra oportunidade, um matutino carioca, particularmente avêso ao Exército, e cujo Diretor, dias antes, havia sido condecorado com a Ordem do Mérito Militar, publicou uma notícia policial, sob o título: "Major rouba carro e desacata guarda". O texto mencionava o nome e enderêço, assim como contava os pormenores do caso, referente à transação de compra de um carro de diplomata. Dias depois o matutino, sob o mesmo título e no mesmo lugar, publicava nota de uma Embaixada, esclarecendo a posição do seu compatriota na questão. Sindicando o incidente por conta própria, apuramos que o pivô do caso jamais foi Oficial do Exército da Ativa ou da Reserva e, infelizmente, não encontramos apoio para o conveniente esclarecimento à opinião pública, tendo a manchetete surtido em dôbro os seus efeitos destrutivos.

Em relação à imprensa há, normalmente, entre nós, três tipos de reações.

Existem os que, diante de um fato como o relatado acima, raciocinam apenas em bases de revide violento, certos da inocuidade de qualquer providência. Esse procedimento tem tremendos reflexos na opinião pública e gera maiores incompreensões e animosidades.

Há também os que julgam preferível não tomar conhecimento da infâmia. Consideram-se infinitamente superiores a êsses detratores. Atuam pela omissão e pelo silêncio. Isso tem profundas conseqüências no seio da instituição, cujos membros se sentem desapoiados e desesperançados.

Existem, finalmente, os que, cubiçosos de popularidade, cortejam a imprensa, facilitando e estimulando a tarefa dos profissionais mais inescrupulosos. Êsses agem contra a instituição e não merecem o respeito dos verdadeiros jornalistas.

A orientação a adotar em cada caso, dentro de um plano de conjunto, sempre visando salvaguardar o conceito do Exército é uma tarefa que exige a criação do Serviço de Relações Públicas. Ele certamente terá em vista, nas relações com a imprensa, a diferença fundamental entre ela e o Exército. O jornalista vive para a notícia, para a informação. Boa ou má, seu mérito é divulgá-la, doa a quem doer. O Exército vive para a segurança, e quase sempre a informação difundida sem contróle e sem oportunidade atua contra a segurança.

Esse serviço terá ainda um campo de ação enorme, no âmbito da instrução do Exército.

Um exemplo recente. Um cabo pára-queda, na defesa da honra de sua mãe, matou um homem. Sua absolvição era considerada certa. Estimado no seio da corporação, compareceu ao julgamento grande número de camaradas, de todos os postos, que lotaram o recinto do Tribunal. Tudo ia muito bem, até que o promotor, procurou caracterizar, no seu libelo, o militar como o homem instruído para matar. No intervalo da sessão, o acusador foi procurado por um Oficial do Exército, que o ameaçou dizendo que, a continuar naquele teor, não se responsabilizaria pelo procedimento

de seus subordinados, cuja paciência já se esgotava. O resultado dessa imprudência foi que, no reinício dos trabalhos, o promotor mencionou a ameaça e requereu ao Juiz reforço de policiamento e a retirada de todos os militares do Exército, a fim de que tivesse garantias para prosseguir na acusação. Concedida a segurança, o acusador tirou o máximo proveito do incidente, apontando-o como a comprovação de suas anteriores assertivas e renovando suas acusações à classe a que pertencia o réu. Mais tarde, fora do recinto, os militares tomariam conhecimento de que o companheiro fôra condenado a doze anos de prisão.

O fato é por demais sugestivo e nós o deixamos, sem outros comentários, à meditação dos leitores, certos de que temos muito mais a fazer no âmbito de nossa instituição, do que mesmo externamente.

Estas são algumas das considerações sobre o gravíssimo problema do desgaste do Exército perante a opinião pública. São apenas as considerações de superfície.

As de base dizem respeito à estruturação e ao funcionamento do Exército, no sentido de sua máxima eficiência no cumprimento da missão. Por sua vastidão e profundidade escapam ao âmbito destas palavras, despreziosas e ostensivas. São a nossa própria vida e o nosso brio profissional. Estão a exigir também uma reformulação honesta, um redobramento de energias, um novo sentido, que nos permitam alcançar a irrestrita confiança do grande povo brasileiro.



AB BOFORS

Bofors, Suécia

**ARMAMENTOS - EXPLOSIVOS MILITARES E CIVIS
AÇOS E PEÇAS FORJADAS**

Representantes exclusivos no Brasil :

CIA. T. JANÉR, Comércio e Indústria

**RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE —
CURITIBA — BELO HORIZONTE — RECIFE — BELÉM
— SALVADOR — SANTOS**